



EDUCAÇÃO SEXUAL POR MEIO DE PRÁTICAS RESTAURATIVAS

Isabela Cogo¹

Adriana Ribeiro Ferreira Rodrigues²

RESUMO

Educação Sexual é uma ação de ensino-aprendizagem que além orientar a vivência da sexualidade, possibilita uma profunda discussão dos aspectos que a envolvem. Esta pesquisa utilizou a metodologia de círculos de aprendizado para esse debate com alunos facilitadores de justiça restaurativa em uma escola pública de Ponta Grossa, Paraná. O objetivo foi observar os discursos desses alunos em relação aos conflitos escolares relacionados à sexualidade. Os resultados apontam que esses alunos possuem um conhecimento amplo e um bom perfil para lidar com estes conflitos na escola, mesmo havendo pequenos equívocos com termos científicos, que foram discutidos e, possivelmente, acrescentados aos seus repertórios.

Palavras chave: *sexualidade; círculos de aprendizado; facilitadores.*

1. INTRODUÇÃO

Os conflitos são inerentes a todos os processos humanos (GUIMARÃES, 2003), podendo ser construtivos ou destrutivos, dependendo da forma como são abordados. Quando há o diálogo, o conflito torna-se uma oportunidade de crescimento e aprendizado, porém, na sua ausência ou quando há “má qualidade da comunicação”, os conflitos podem gerar aborrecimentos ou mesmo violência (PASSOS; RIBEIRO).

¹ Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), belacogo2@hotmail.com

² Professora da rede estadual de ensino, adrianarfr@yahoo.com.br



Sendo assim, a escola também é um espaço repleto de conflitos, pois há diversidade, interações, movimentações e comunicação entre grupos diversos. (PASSOS; RIBEIRO).

Por isso, a justiça e as práticas restaurativas têm sido utilizadas para gerar senso de comunidade escolar e criar um espaço seguro, no qual todos se sintam envolvidos e responsáveis pelo bem-estar dos demais (PASSOS; RIBEIRO). O Programa intitulado “Escola Restaurativa” tem suas bases vinculadas à Justiça Restaurativa, que segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), na Resolução 12/2002 de 24 julho de 2002, é “um processo através do qual todas as partes envolvidas em um ato que causou ofensa reúnem-se para decidir coletivamente como lidar com as circunstâncias decorrentes desse ato e suas implicações para o futuro”.

Dentre os diversos conflitos que podem ocorrer no ambiente escolar, vários deles estão dentro do âmbito da sexualidade, pois é muito presente na fase da adolescência, fazendo parte de um processo simbólico e histórico na formação da identidade do sujeito. Além disso, as expectativas associadas a padrões de beleza, de comportamento e de auto afirmação perante o grupo, pode levar adolescentes a agredir simbolicamente uns aos outros. Assim, os conflitos na maioria das vezes não são saudáveis e ainda reproduzem preconceitos, mitos e tabus, pela falta de respeito com a individualidade de cada um e mesmo pela falta de conhecimento sobre si, pois muitos jovens acabam aprendendo conceitos generalizados e/ou equivocados sobre sexualidade, por meio midiático ou entre os próprios adolescentes (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011).

Em razão disso, debater a respeito da sexualidade na adolescência e na juventude é de fundamental importância, uma vez que nesse momento da vida, surgem muitas dúvidas relacionadas às mudanças corporais, comportamentais e psicológicas. Ao buscarem o autoconhecimento físico e emocional, podem fazer escolhas para as suas vidas que melhor favoreçam a expressão da sua sexualidade (BRASIL, 2013), e conseqüentemente, podem compreender, respeitar e acolher os demais.

A Educação Sexual é assegurada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, ainda mais, adolescentes e jovens têm direito a receber educação sexual e reprodutiva, assim como ter acesso às ações que os auxiliem a lidar com a sexualidade de forma positiva e responsável (BRASIL, 2013).



Pensando na prática da empatia, da liberdade de expressão, do exercício do autoconhecimento e confiança para sanar qualquer dúvida, propusemos a realização de círculos de aprendizado em Educação Sexual.

Assim, definimos como objetivo deste trabalho analisar o discurso de alunos facilitadores de círculos restaurativos durante um processo de formação em sexualidade, desenvolvendo encontros para discussão e debate complexo acerca de temas relacionados a sexualidade humana.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e investigou um grupo de dez alunos de uma escola pública do município de Ponta Grossa que participaram da formação de facilitadores dos círculos de construção de paz e desenvolvem práticas restaurativas na escola. Alunos matriculados no Ensino Médio, faixa etária de 15 a 18 anos.

A produção de dados durante a realização da pesquisa foi feita por meio de intervenções nas quais foram utilizados os seguintes instrumentos: diário de bordo e questionário. O conjunto desses instrumentos de coleta de dados favoreceu o registro das informações produzidas pelos alunos, antes e no decorrer das intervenções.

As intervenções ocorreram em quatro momentos, sendo o primeiro deles o contato prévio com os alunos, apresentação e convite para a participação na pesquisa e, aplicação do questionário prévio. Os outros três momentos ocorreram como círculos de aprendizado, divididos de acordo com os objetivos deste trabalho, sendo eles: “Diversidade sexual e gênero – um novo olhar”, “Conhecendo seu corpo – uma quebra de tabus e padrões sociais” e “Gravidez na adolescência – uma crítica social”.

Os processos circulares, assim como os princípios restaurativos do diálogo, da empatia, da comunicação não-violenta, entre outros, podem ser integrados a prática de ensino e aprendizagem ao promover um debate fundamentado em conhecimento científico aliado ao conhecimento empírico dos envolvidos. Ressalta-se que o aluno



é sujeito do processo educativo, de acordo com o método educacional freudiano, que nesta pesquisa foi utilizado associado a metodologia circular.

Os círculos foram realizados em uma sala da escola devidamente reservada com esse intuito, evitando ao máximo interferências externas. No início de cada círculo, explicou-se o significado dos objetos do centro e do objeto da palavra utilizado em cada um. As cerimônias de abertura e de encerramento, foram desde meditação a vídeos e poemas com significados de esperança e harmonia. Os valores e diretrizes foram criadas no primeiro círculo e foram as mesmas até o último. As perguntas norteadoras foram feitas no início, durante ou ao final de cada círculo, de acordo com os objetivos a serem alcançados em cada um. Além das perguntas norteadoras, foram feitas explanações de cunho científico, histórico e social, por meio de slides com dados estatísticos, definições, imagens, músicas e vídeos, sendo que nesses momentos o objeto da palavra foi suspenso e o grupo pode expressar livremente suas opiniões, dúvidas e experiências. A introdução do debate e dos conteúdos de cunho científico, histórico, social e cultural caracterizam um círculo de aprendizado.

3. DESENVOLVIMENTO

Primeiramente, os indivíduos que passaram pela capacitação de facilitadores de círculos são voluntários, ou seja, ao serem convidados, participam apenas aqueles que se interessam de fato, tem comprometimento e se identificam com a proposta das práticas restaurativas e da comunicação não-violenta. Ao passarem pelo processo de capacitação, compreendem o valor da escuta ativa, do não julgamento, da tolerância, respeito e confidencialidade. Sendo o grupo de investigados nesta pesquisa apenas alunos facilitadores, esse aspecto já permite inferir que são indivíduos mais abertos a novas propostas e desafios.

A análise dos dados produzidos por meio dos questionários indicou que nesse grupo de investigados todos já participaram de alguma atividade a respeito de Educação Sexual na escola e que a maioria, apesar de descreverem com diferentes palavras, souberam diferenciar *Sexualidade* de *Educação Sexual*. As expressões descritas



pelos alunos demonstram um conhecimento prévio bastante amplo e compreensível, pois Figueró (1995, p.8) descreve *Educação Sexual* como “toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual”. Enquanto *Sexualidade*, Figueró define como

“uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.” (FIGUERÓ, 2014, p. 48)

Ainda nos questionários, quando foram indagados a respeito da aceitação social do corpo, identidade e orientação sexual dos indivíduos, se isso afeta a forma como as pessoas se sentem ou se trata apenas de uma questão pessoal, 90% dos investigados afirmaram que afeta a forma como as pessoas se sentem.

Em relação à homofobia, foram questionados sobre o significado do termo, sua presença na escola e com qual frequência. Na descrição dos investigados, foram identificadas as expressões que demonstram entendimento do significado do termo, como “discriminação”, “quando você não aceita”, “ódio”, “raiva”, pois o Ministério dos Direitos Humanos (2018), descreve como “uma violência enfrenada pela população LGBT, que consiste no ódio ou aversão a sua manifestação sexual”. 100% afirmaram que a homofobia está presente no ambiente escolar, com frequências que variaram entre às vezes (30%), muitas vezes (50%) e sempre (20%).

Na questão contendo os termos *Gênero*, *Sexo*, *Transgênero*, *Cisgênero*, *Drag Queen*, *Homossexual*, *Bissexual* e *Heterossexual*, e suas respectivas definições a serem relacionadas pelos alunos, 70% relacionou corretamente todas as definições, havendo confusão apenas entre os termos *Gênero* e *Sexo*, e *Heterossexual* e *Homossexual* ao restante.

Já sobre gravidez precoce, 80% dos investigados conhece alguém que passou por gravidez precoce durante a escola, uma porcentagem alarmante e demonstra a



realidade brasileira, em que a taxa é de 68,4 nascimentos para cada 1 mil adolescentes (ONUBR, 2018). E, por fim, em relação a IST's, foi questionado o que, na concepção deles, além do não acesso a informação ou a métodos preventivos, poderia estar relacionado aos casos de IST's. Eles elencaram “A banalização das mesmas”, “falta de cuidado e conversa com o parceiro”, “irresponsabilidade”, dentre outras, inclusive a insuficiência da discussão desses temas na escola.

Nos círculos, foram analisados o perfil dos alunos, o entendimento dos mesmos sobre os conflitos acerca da sexualidade e de que maneira os discursos deles apontam a escola e a sociedade em relação aos conflitos.

A análise dos discursos desses alunos durante os círculos confirmou que todos estiveram receptivos e dispostos a ouvir e discutir as questões colocadas em debate, assumindo além das suas experiências pessoais também aquelas que estão inseridas em um contexto social e histórico no Brasil e no mundo, onde a mesma situação pode ser vivida de maneiras diferentes dependendo do local onde os indivíduos estão inseridos, sua classe social, raça, estruturas físicas, emocionais, familiares, entre outras.

Além disso, um dado que emergiu dos círculos e que indica algo muito importante no perfil desses alunos, é que muito além de serem empáticos e abertos, demonstraram-se indivíduos que de fato sentem as mesmas dores, sofrem e principalmente conseguem identificar os impactos que o bullying, racismo, machismo, tabus e outros preconceitos afetam suas vidas e daqueles do seu convívio, mesmo em casa ou na escola.

Ao descreverem os conflitos que vivenciaram, presenciaram ou tomaram conhecimento, evidencia-se alguma dificuldade em utilizar-se de termos científicos nas suas falas, mas ainda assim, com suas palavras souberam identificar o conflito, as interferências sociais e os sentimentos envolvidos. Um exemplo emblemático ocorreu no terceiro encontro “Gravidez na adolescência”, quando um dos alunos relata que uma colega da sala tem uma filha, e que ela continua frequentando a escola, mas acaba tendo que sair da sala às vezes para cuidar da criança. Ainda ressalta dois aspectos: (1) que muitas vezes a responsabilidade sobre os filhos recai somente sobre a mulher e (2) que muitas vezes o julgamento sobre uma estudante



grávida ocorre por parte dos professores, ficando a menina totalmente desamparada na escola.

Em vários momentos a importância da Educação Sexual foi apontada pelos próprios alunos durante os círculos, inclusive propuseram ainda a inserção da educação sexual desde a infância ou no ensino fundamental I e II, pois é nesse em que a criança está se socializando com outras e pode aprender preconceitos ou julgamentos que não são inerentes à ela, mas sim ditados pela sociedade vigente. Além disso, um dos alunos, afirmou a importância da Educação Sexual no auxílio à identificação de abusos e violências sexuais pelas crianças e adolescentes.

4. CONCLUSÃO

Observa-se que os conhecimentos prévios dos alunos foram significativamente ampliados e complexificados pois no decorrer dos círculos de aprendizado a participação foi constante, houve envolvimento e troca de experiências. Nas falas dos adolescentes pode se observar também a apropriação de novos termos e o uso dos mesmos para compreender e explicar situações detectadas no cotidiano da escola.

Falar a respeito de sexualidade é falar de vida e daquilo que temos em comum como seres humanos, e o melhor, cada um especialmente diferente um do outro. Abrir espaços para esse debate é como quebrar correntes, ou mesmo “quebrar tabus”, ensinando muito mais que Biologia ou saúde, mas sim criar possibilidade para compartilhar experiências e dúvidas, expor sentimentos e necessidades, e colocar em prática a empatia uns com os outros. Esta pesquisa confirma a necessidade de os jovens serem ouvidos, bem como serem orientados para vivência da sua sexualidade de maneira positiva e saudável criando um repertório que possa ser acionado em situações nas quais a mediação de conflitos envolva esse tema.



BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Orientação Sexual.** Brasília: MECSEF, 1998.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **NO CORAÇÃO DA ESPERANÇA: Guia de Práticas Circulares.** Copyright, 2010.

DICK, Vera Lucia; MALACARNE, Vilmar. **JUSTIÇA RESTAURATIVA E CÍRCULO DA PAZ: combatendo a violência com o cuidado.**

FIGUERÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3º Ed., Londrina: Eduel, 2010.

GROSSI, Patrícia Krieger et all. **IMPLEMENTANDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 497-510, set./dez. 2009.

MACHADO, Cláudia et all. **Justiça para o Século 21: instituindo práticas restaurativas: Manual de Práticas Restaurativas.** Porto Alegre: AJURIS, 2008.

MAROLA, C.A.G.; SANCHES, S.C.M.; CARDOSO, L.M. **Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências.** Psic. da Ed., São Paulo, 2011, pp. 95-118.

NUNES, A. C. O. **Diálogos e práticas restaurativas nas escolas.** MPSP, 2018.

ONU, **Taxa de gravidez adolescente no Brasil está acima da média latino-americana e caribenha.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha/>. Acesso em: 25 de jul. 2019.

PRANIS, Kay. **Processos Circulares.** São Paulo: Palas Athena, 2010.

PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz: Guia do Facilitador.** Copyright, 2010.

RIBEIRO, O.O.P.; PASSOS, C.M.O. **A justiça restaurativa no ambiente escolar.** MPRJ, 2016.